

#15M, imagens e sentimentos políticos

#15, images and political sentiments

#15, Imágenes y sentimientos políticos

Recebido em 02-11-2021

Modificado em 22-08-2022

Aceito para publicação em 17-09-2022

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i3.39811>

Thayla Fernandes da Conceição

Advogada formada pela Faculdade de Direito de Vitória (FDV), cientista social formada pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestre e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD/UFF), ambos com bolsa CAPES, fotógrafa e realizadora audiovisual. E-mail: thaylafc@gmail.com

232

Apresentação

O ensaio fotográfico aqui apresentado é fruto de uma incursão no primeiro grande ato, em maio de 2019 e na cidade do Rio de Janeiro, contra os cortes na educação anunciados pelo governo de Jair Messias Bolsonaro, conhecido como 15M ou #15M. Apresento aqui algumas imagens, em especial, das ações diretas manifestas naquela ocasião, conduzindo-as a partir das múltiplas afetações ali vividas.

Palavras-chave: 15M; #15M; Bolsonaro; Educação.



No dia 15 de maio de 2019 ocorreu no Rio de Janeiro o primeiro grande ato contra os cortes na educação anunciados pelo governo de Jair Messias Bolsonaro. Dada a grande adesão popular, este ato ficou conhecido como o “tsunami da educação” e como 15M ou #15M, forma pela qual passou a ser apresentado nas redes sociais em virtude da correspondente data. Mais de 200 mil pessoas, incluídos primordialmente estudantes, professores e funcionários de diversas escolas, faculdades e universidades, saíram em protesto no centro daquela cidade, precisamente, percorrendo a Avenida Presidente Vargas numa caminhada entre a Igreja da Candelária e a Central do Brasil.

Inicialmente, quebrando a quarta parede da ideia de um ensaio fotográfico, entendo ser importante desvendar o avesso da câmera e apresentar o sujeito que lhe orchestra. Compus aquele movimento do dia 15 de maio afetada pelos papéis sociais que me atravessam e que dialogam com diversas das questões ali tensionadas. Coloquei-me nas ruas enquanto uma jovem mulher relativamente recém-chegada no Rio de Janeiro, ainda tentando compreender os contornos das organizações e manifestações políticas na cidade. Também ali estava enquanto pesquisadora e professora em formação, preocupada com os ataques à educação e à ciência em nosso país, sendo pertencente à classe dos diretamente atingidos pelos descasos. Ali estive, ainda, portando o meu colete rosa, símbolo de identificação de um coletivo de mulheres advogadas ativistas de direitos humanos que ofereciam, naquela circunstância, um plantão de apoio jurídico e segurança à manifestação, ao qual tinha me juntado recentemente. Por último, me coloquei naquela data também enquanto fotógrafa que buscava construir possibilidades narrativas de denúncias imagéticas em meio à adrenalina típica dos conflitos presentes em uma manifestação.

Componho este ensaio contrabalanceando, como possível, as faltas e sobras de cada um destes lugares pessoais, os quais me lançam em um campo aberto de contradições, responsabilidades, limites e desejos e compõem uma das paisagens existentes por detrás da câmera. É não sem esses lugares que aqui partilho as percepções sobre a força daquele evento, no intuito de, também, oferecer uma pequena contribuição *sentipensante* para a compreensão da conjuntura 2018-2022, e colocando-a em contato com outros recortes históricos que traduzem os sentimentos políticos em jogo na composição das demandas e do espaço no qual a manifestação se reproduziu.

Tento aqui, com esta apresentação textual e com as imagens que seguem, pensar conjunturalmente e historicamente instantes e sentimentos políticos referentes ao #15M. Nomeamos como sentimentos políticos, na linha do que nos apontam outros autores (Neder, 2011), estes sentimentos socialmente partilhados e abraçados enquanto alimentos de estratégias e

performances políticas, enquanto conexões entre pensar e sentir e, ainda, enquanto chaves para compreensões de reações do coletivo diante da intensidade de determinadas demandas da arena conflitiva da conformação política.

O resultado destas intenções se corporifica, portanto, neste ligeiro texto e nas imagens que serão apresentadas a seguir, tecnicamente configuradas com uma câmera Nikon D3100, uma lente 50mm emprestadas de uma amiga e em banho de adrenalina. Seguindo uma orientação ética comum à produção de imagens em circunstâncias de atividades políticas, optei por construí-las sempre de forma desidentificada, com elementos humanos figurados de forma genérica ou sugestiva. Também para não facilitar identificações optei por não divulgar estas imagens imediatamente, fazendo-o oficialmente apenas agora.

Fomos mais de 200 mil pessoas naquele cenário, sobre o qual vale trazer alguns comentários em perspectiva histórica de longa duração. A Avenida Presidente Vargas foi estruturada pelo presidente que lhe batiza entre as décadas de 1930 e 1940, e a Avenida Rio Branco, vizinha transversal, foi aberta pelo prefeito Francisco Pereira Passos, com o aval do presidente Rodrigues Alves, nos primeiros anos do século XX. Ambas - com suas misturas estratégicas de enormes vidraças, aço, concreto e multidões em movimentação típica de expediente e de horário comercial – são veias abertas que desenham no centro da cidade do Rio de Janeiro o grosso do devir modernizante, sendo encruzilhada central da localização de grandes prédios comerciais, de entidades públicas e de espaços turísticos.

O fato de a Avenida Presidente Vargas começar na Igreja da Candelária e terminar nos arredores do monumento a Zumbi dos Palmares, ou vice-versa, ilumina a confirmação de que desenha curiosas imagens contraditórias em suas bases. A Avenida Rio Branco, por sua vez, também é uma confirmação deste arranjo contraditório, vista a sua composição demarcada também entre a histórica Candelária e a praça da Cinelândia, espaço inspirado nos bulevares parisienses que abrigou uma concentração de cinemas, teatros, museus e espaços de cultura no geral, alguns dos quais ainda remanescem.

Quase sempre estas duas avenidas, que se cruzam em “L” a partir da Candelária, são as escolhidas como palcos para os atos públicos da cidade do Rio de Janeiro. Simultaneamente, carregam o peso de terem sido abertas à base de grandes “bota-abaxos”, movimentos de massiva reforma urbana com intensas remoções e expulsões de classes populares no século XX (Sevsenko, 2010; Lopes e Simas, 2015; Edmundo, 2003; Benchimol, 1992). Os usos mais atuais do espaço duelam, portanto, com permanências repressivas de temporalidades diversas ali gravados, além dos desafios impostos pela sua temporalidade mais imediata.

A Avenida Rio Branco surge no pacote da tentativa da criação da “Paris dos Trópicos” no Rio de Janeiro. Data-se do momento em que o gestor Pereira Passos, integrado ao Clube de Engenharia da ocasião (elitizado espaço de homens brancos com esta formação técnica, muitos dos quais ocupando centrais espaços de gestão administrativa e política nos grandes centros urbanos), tenta controversamente transformar a cidade à luz das vanguardas europeias da época, inspirado sobretudo em seus aprendizados com Georges-Eugène Haussmann, prefeito reformista de Paris conhecido como “artista demolidor”. Haussmann é reconhecido como o responsável por agir urbanisticamente contra a Comuna de Paris, reestruturando a cidade em bulevares maiores que permitiam dispersão e desencorajaram aglomerações e bloqueios típicos de organizações reivindicatórias, facilitando a sua contenção.

Sempre estruturalmente conduzida e reconduzida entre lampejos de rupturas e continuidades frente a esta historicidade, a Avenida foi novamente reformada à época da Copa do Mundo e das Olimpíadas, recebendo um novo calçamento e o veículo leve sobre trilhos (VLT), uma espécie de metrô de superfície, nova modalidade de transporte público que lhe atualiza a imagem diante dos mais atuais conformes vanguardistas internacionais.

Tanto quanto, as obras da modelagem da grande Avenida Presidente Vargas também aconteceram controversamente e sob muitos custos populares. O apagamento da expressiva região da Praça XI, por exemplo, entrou como um destes custos desta empreitada. Nesta região se localizava a famosa casa da baiana Tia Ciata, marcada como fundamental ao encontro de artistas e ao desenvolvimento das expressões de religiosidades e culturas afro-brasileiras. Cosmos de grande diversidade no qual se comia, brindava, cantava, batia tambor e se celebrava constantemente expressões de vivências populares, não-hegemônicas e inclusive criminalizadas e perseguidas (pelas leis que direcionavam racialmente a ideia da vadiagem e do curandeirismo, por exemplo), a casa foi um dos berços por excelência do samba carioca, que desaguou pelo Estácio e pelas primeiras escolas de samba por ali inauguradas.

Este mesmo recorte da cidade recebeu também ondas de imigrantes judeus, de populações ciganas e nordestinas em geral, além dos negros e negras recém libertos. No atravessar justamente da Avenida Presidente Vargas, a região correspondente à Praça XI hoje encontra o Morro da Providência, descrito como a primeira comunidade da cidade nestas características e, logo mais adiante, encontra a aguçada região portuária da Pequena África.

A ocupação política destas avenidas em termos reivindicatórios de direitos trata-se, portanto, de uma interessante ressignificação sócio-histórica do espaço e dos fantasmas repressivos que os habitam, e serve como mais um símbolo da gangorra existente entre imposições autoritárias e respectivas respostas populares, ou vice-versa, conflitividade que

ajunta sentimentos políticos típicos de nossa formação e atualização enquanto nação. Somem, aparecem e se diversificam apresentações possíveis para, por exemplo, a esperança e o ódio, identificados enquanto sentimentos políticos basilares da estruturação do bolsonarismo (Solano, 2018; Pinheiro-Machado e De Freixo, 2019; Abranches *et al.*, 2019).

No recorte da conjuntura de 2018-2022, ficam como marcos neste cenário tanto o próprio o #15M quanto outros tantos atos públicos progressistas que imediatamente lhe antecederam (como, por exemplo, o ato das mulheres em 2018 que fortaleceu a expressão #EleNão) e que lhe sucederam (no caso, os poucos atos que foram possíveis considerando as restrições impostas pela pandemia do Covid-19).

Se a pauta central do #15M foi a questão dos ataques à educação, e se foi um ato coordenado por instituições ligadas às universidades e colégios públicos (sindicatos, diretórios centrais de estudantes e centros acadêmicos, por exemplo), na prática, por meio da observação dos cartazes e das performances ali desenvolvidas, percebemos diversas outras pautas de insatisfação presentes e, até aquele momento, constatamos todas ainda relativamente coerentes entre si.

Diante desta relativa diversidade das pautas reivindicatórias, houve quem visualizasse naquela ocasião, que acionou memórias da formatação das reivindicações públicas mais recentes, sombras das manifestações de 2013, distinta época de mega-eventos, mega-negócios, mega-protestos (Vainer, 2013). Isto considerando que estas, apesar de iniciadas nos atos organizados pelo Movimento Passe Livre em São Paulo (MPL-SP) contra o aumento do preço dos transportes e por mais qualidade nos direitos referentes à mobilidade urbana, se desenvolveram polemicamente como uma imensa catarse múltipla e controversa de insatisfações de diversos grupos sociais, alguns dos quais significativamente antagônicos, inconciliáveis.

Outra sombra de 2013 que pairou sobre o #15M foi a presença das chamadas “ações diretas”, tais como pixos, queima de ônibus e confronto direto com forças de segurança, o que pode ser bem visualizado nas imagens que compõe este ensaio. Estes exemplos de ações diretas são performances normalmente creditadas à tática *black bloc*, que desde 2013 tem suscitado diversos debates no Brasil, em especial, aqueles ao redor dos limites da instrumentalização política das violências.

Os pixos no #15M performaram tanto dizeres sobre a educação, pauta central ali posta (conforme o que se examina, por exemplo, na imagem onde a sociologia é invocada pelas tintas e, ao mesmo tempo, apagada pelos seguranças), quanto construíram linhas de expansão desta pauta central. Foi assim que se traçou a memória do ainda recente assassinato do músico Evaldo Rosa dos Santos pelo exército na região de Guadalupe, evento conhecido como o assassinato dos

80 tiros (cuja contabilização final da perícia constatou como, na verdade, mais de 200 tiros). A frase “80 tiros exército assassino” foi pixada em alguns pontos das duas avenidas aqui apresentadas, destacando-se entre estes pontos o pixo no panteão de Duque de Caxias, este que está na frente da sede administrativa do exército brasileiro, na Avenida Presidente Vargas.

Os altos números de homicídios de pessoas negras por agentes estatais é fatalidade a partir da qual se firma o discurso sobre “falhas” ou “excepcionalidades” nas operações de segurança, reproduzido enquanto obviedade institucional autojustificativa. Evaldo Rosa, que tenderia a ser mais um elemento numa contabilidade banalizante, ganha este monumento performático que reafirma caminhos críticos para além da generalidade das estruturas violentas e rememora as particularidades racistas de um caso concreto ao qual devemos um luto ativo. Posta naquela produção visual está a sua condição de sujeito, pai de família, trabalhador e artista morto pelo exército na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Rememorando “Diante da dor dos outros” (Sontag, 2003), a fotografia deste pixo, presente neste ensaio, se constrói não como mais uma interessada na revelação explícita da cena do cometimento da máxima violência, mas sim, como um retrato do monumento subversivo erigido com tinta em nome da vítima. Imediatamente, um batalhão das forças de segurança se deslocou especialmente para a frente do panteão, cobrindo-o e tentando vedar a frase das vistas.

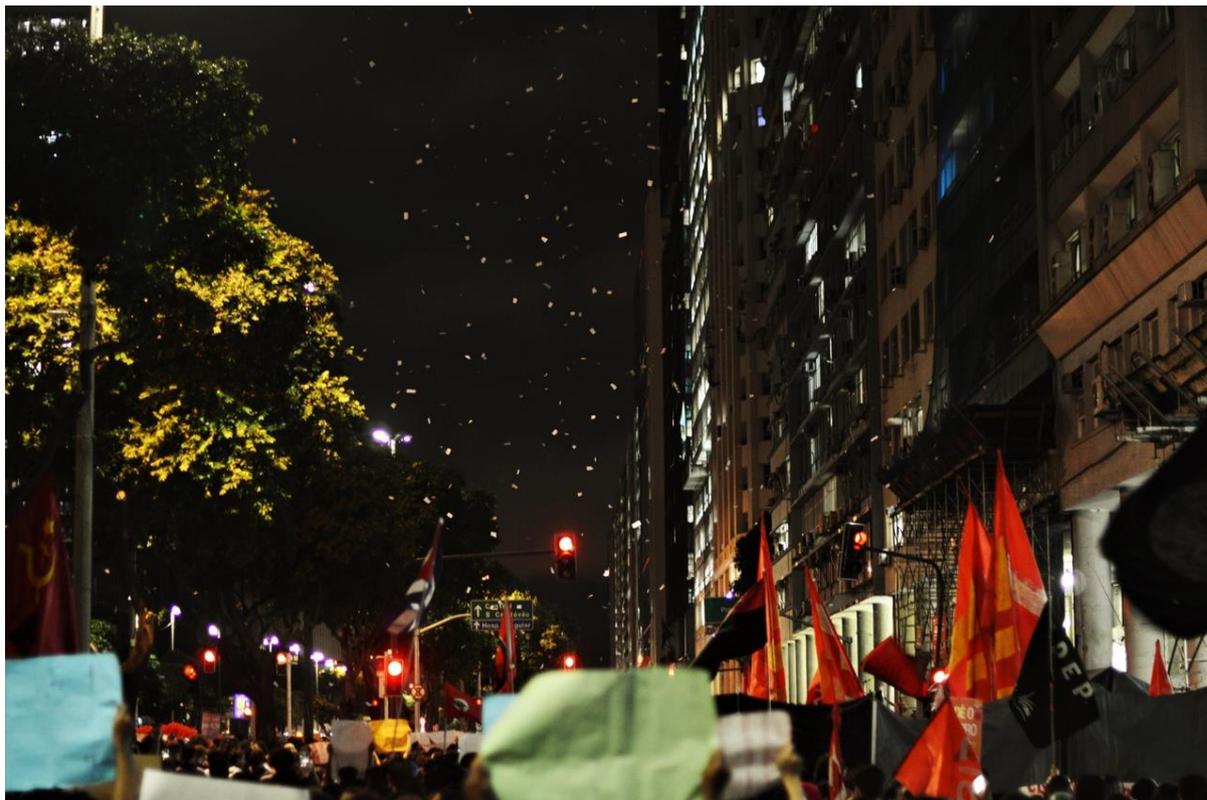
Grupos de advogadas e advogadas responsáveis pela observação jurídica do momento no geral se dividiram para acompanhar toda a superfície do ato – seu início, meio e fim em sentidos temporais e espaciais – e, também, priorizaram um posicionamento de proximidade das forças de segurança, para melhor atestar o seu trabalho. Naquela noite, alguns confrontos entre manifestantes e estas forças de segurança foram verificados. Bombas de gás foram lançadas para dispersão nos momentos finais, após a produção das inscrições nas paredes, principalmente diante da expectativa de que *black blocs* estariam presentes entre jovens que ali estavam em conjunto. Manifestantes reagiram firmemente e os policiais recuaram. Nestes momentos, subiram doses especiais de adrenalina que levaram o corpo a correr alguns metros e, também, a se estruturar com prontidão para as ocorrências.

Nos últimos momentos da noite de protesto, um ônibus foi incendiado nas proximidades da Candelária. Os presentes, sobretudo da coluna da segurança do ato, iniciaram um clássico debate sobre os limites dos usos do patrimônio público enquanto suporte de estratégias políticas compreendidas como mais radicais. No momento em que as chamas se apagavam, um homem se aproximou do ônibus em busca das ferragens, colhendo-as ainda quentes com as mãos, possivelmente, no intuito de vendê-las posteriormente. Enquanto se debatia os limites do uso do fogo como repertório, ironicamente, em um cenário permanentemente em chamas (Gonçalves e

Gomes, 2020), um homem foi encaminhado à delegacia como o responsável pela ação direta e por pouco não foi criminalizado por furto.

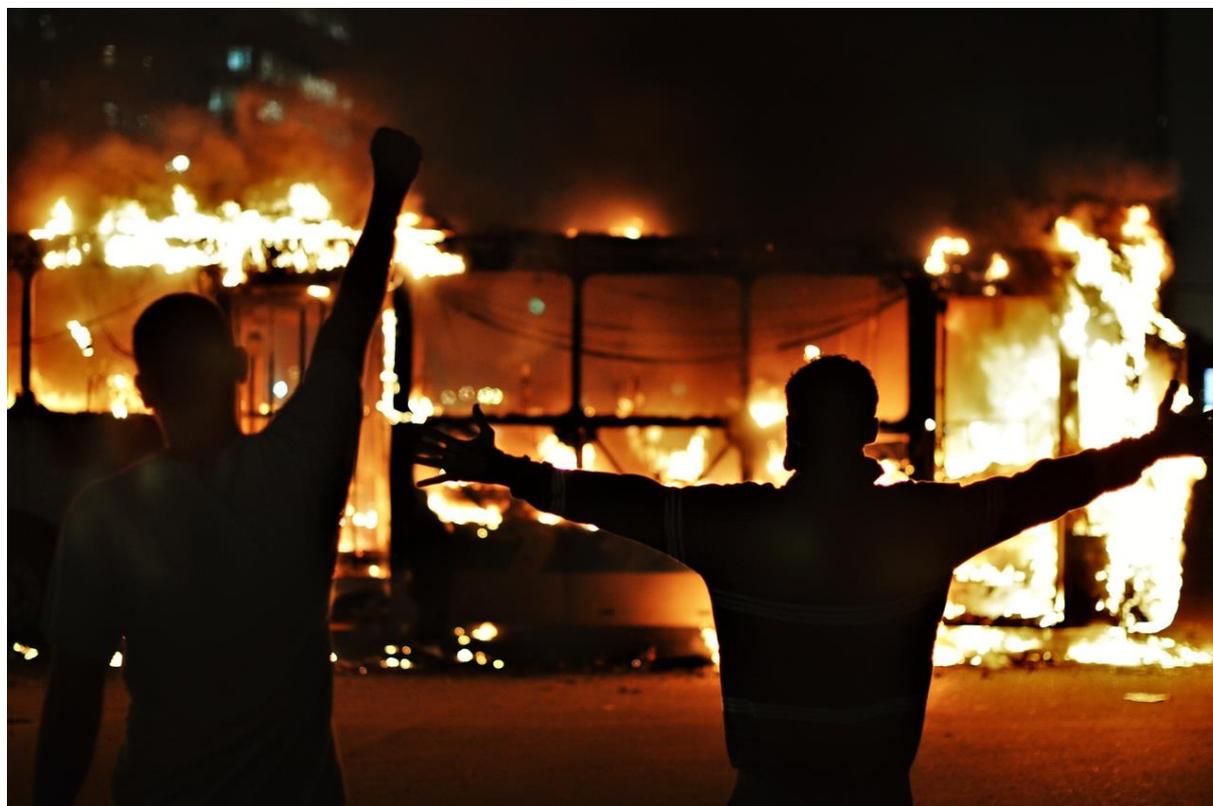
Passaram-se, então, três anos desde aquele ato, com agravamento da problemática educacional e da questão social como um todo (com aumento nos índices de desemprego, de fome, e nos preços de itens básicos de subsistência - alimentação, energia elétrica, gasolina). Retomamos aqui esta memória tantos anos depois entendo que o #15M, ainda a maior manifestação pública da conjuntura dos quatro anos de gestão presidencial conservadora, segue pairando como uma importante provocação. E a encruzilhada das Avenidas Rio Branco e Presidente Vargas segue aguardando, tal como o faz deste a sua construção, os próximos atos, manifestações, capítulos da nossa história.







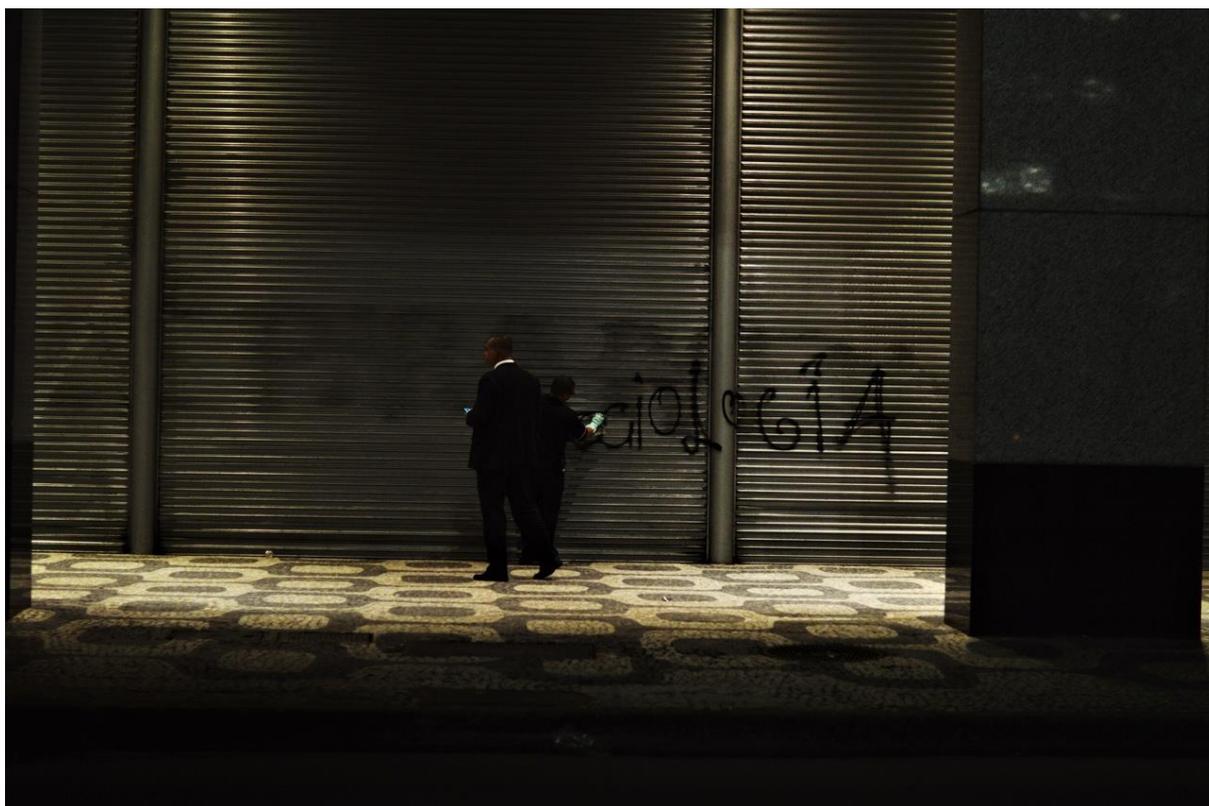
240





241





Referências

- ABRANCHES, Sérgio, *et al.* (Orgs.) (2019), *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo, Companhia das Letras.
- BENCHIMOL, Jaime Larry (1992), *Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração.
- EDMUNDO, Luís (2003), *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial.
- GONÇALVES, Lara Sartório, GOMES, Simone (2020), “Das fagulhas ao estopim: a permanente estética do fogo nos protestos latino-americanos”. *Observatório de Movimentos Sociais da América Latina*. Comunica América Latina III – NETSAL. Rio de Janeiro, pp. 56-60.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio (2015), *Dicionário da História Social do Samba*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- NEDER, Gizlene (2011), *Dois Margens: Ideias Jurídicas e Sentimentos Políticos no Brasil e em Portugal na Passagem à Modernidade*. Rio de Janeiro, Revan.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana, DE FREIXO, Adriano (Orgs.) (2019), *Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização*. Rio de Janeiro, Oficina Raquel.

SEVCENKO, Nicolau (2010), *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo, Cosac Naify.

SOLANO, Esther (Org.) (2018), *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Editora Boitempo.

SONTAG, Susan (2003), *Diante da dos outros*. São Paulo, Companhia das Letras.

VAINER, Carlos (2013), Mega-eventos, mega-negócios, mega-protestos. *Blog da Editora Boitempo* [Consult. 10-10-2021]. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2013/09/02/mega-eventos-mega-negocios-mega-protestos>

Presentation

The photo essay presented here is the result of an incursion in the first major act, in May 2019 and in the city of Rio de Janeiro, against the damage to education public policies caused by the government of Jair Messias Bolsonaro, known as 15M or #15M. I present here some images, in particular, of the direct actions manifested on that occasion, leading them from the multiple affectations experienced there.

Keywords: 15M; #15M; Bolsonaro; Education.

Presentación

El ensayo fotográfico que aquí se presenta es el resultado de una incursión en el primer gran acto, en mayo de 2019 y en la ciudad de Río de Janeiro, contra los recortes en educación anunciados por el gobierno de Jair Messias Bolsonaro, conocido como 15M o #15M. Presento aquí algunas imágenes, en particular, de las acciones directas manifestadas en esa ocasión, llevándolas desde las múltiples afectaciones allí vividas.

Palabras clave: 15M; #15M; Bolsonaro; Educación.
